

Do Pátio para as salas de aula: A Noite dos Tambores Silenciosos no ensino de História Local

Matheus Fernando da Silva¹

André Mendes Salles²

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte

Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

Sou Macambira de Joaquim Cardozo

Banda de pife no meio do canavial

Na Noite dos Tambores Silenciosos

Sou a calunga revelando o carnaval [...] (LENINE, PINHEIRO, 1993)

RESUMO

Esse artigo tem como objeto de estudo A Noite dos Tambores Silenciosos³, manifestação que acontece nos folguedos de Recife desde a década de 60. Partindo da abordagem que coloca essa cerimônia como pilar cultural e histórico do carnaval e da cultura pernambucana, faz-se necessária a observação de como a Noite se molda com o passar do tempo, das pessoas que a fizeram ganhar relevância e solidez e das tradições que fazem parte da solenidade em questão. Feito esse percurso de observações, esse artigo pretende abordar a exploração das potencialidades didáticas da Noite dos Tambores Silenciosos e de sua importância para o ensino local, tendo como aporte as medidas previstas em lei que afirmam o compromisso de ensino da História Afro-brasileira.

Palavras-chave: Carnaval; maracatu; História Local; ensino; cultura; Recife.

ABSTRACT

The object of this article is the Noite dos Tambores Silenciosos ("Night of the Silent Drums"), an event that has taken place in Recife's festivities since the 1960s. Starting from the approach that places this ceremony as a cultural and historical pillar of carnival and of Pernambuco's culture, the goal is to investigate how the Night is shaped over time, the people who made it gain relevance and solidity and the traditions that are part of the solemnity in question. After this course of observations, this article intends to approach the exploration of the didactic potentialities of the Silent Drums' Night and its importance for the local teaching, having as contribution the measures foreseen in Law that affirm the commitment of teaching Afro-Brazilian History.

Keywords: Carnival; maracatu; local History; teaching; culture; Recife.

¹ Concluinte do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Endereço eletrônico: matheusvls@outlook.com;

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor no Departamento de Ensino e Currículo da UFPE e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em História e no Mestrado Profissional em Ensino de História. Endereço eletrônico: andre.salles@ufpe.br;

³ Na cidade de Olinda existe uma cerimônia semelhante, chamada "Noite Para os Tambores Silenciosos". Entretanto, é popularmente conhecida como "Noite dos Tambores Silenciosos". Em 2023, foi celebrada sua 24ª edição.

INTRODUÇÃO

A canção composta por Lenine e Paulo César Pinheiro caiu nas graças da população pernambucana e descreve de forma rica as maravilhas culturais do Estado. Na letra completa, vemos menções a costumes e personalidades marcantes de Pernambuco, como a Feira de Caruaru⁴, Luiz Gonzaga⁵, Ariano Suassuna⁶, entre outros. Dentre essas menções, temos a Noite dos Tambores Silenciosos, que traz o maracatu de baque virado⁷ em um honroso destaque.

Ao destrinchar os versos dessa música, percebemos que existem acontecimentos de grande importância dentro dos campos patrimonial e cultural. A Noite dos Tambores Silenciosos, citada nela, é uma cerimônia que oferece diversos elementos para seu estudo no ambiente da sala de aula. Ao levantarmos o argumento de que conhecer a sua história e aspectos são interessantes para o enaltecimento do nosso povo, também conseguimos perscrutar caminhos percorridos pelos antepassados da população afro-brasileira, que contribuíram de forma substancial para a história dos folguedos locais.

O impacto da Festa de Momo⁸ em Pernambuco é reverberado em várias esferas. Podemos iniciar uma análise desse burburinho no campo econômico, já que no último Carnaval antecedido pela pandemia global da SARS-CoV-2 foram movimentados quase R\$ 2,5 bilhões de acordo com a Empetur⁹. No que se refere ao aspecto de visitantes ao território, o Estado registrou no ano de 2020, 95% da rede hoteleira ocupada durante os seis dias de festejos.

⁴ Notável feira ao ar livre, uma das maiores do país. Registrada como Patrimônio Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2006;

⁵ Cantor e compositor natural de Exu, conhecido como “Rei do Baião” e tido como uma das maiores e mais importantes personalidades da música brasileira (1912-1989).

⁶ Escritor e pensador, natural da Paraíba, que adotou Pernambuco como lar durante sua juventude. Autor de obras como *Auto da Compadecida* (1955) e antigo membro da Academia Brasileira de Letras (1927-2014);

⁷ Segundo o IPHAN, o valor patrimonial do Maracatu de Baque Virado (ou Nação) é essencial para compreendermos elementos da cultura brasileira, identidade e formação do povo afro-brasileiro, além de ser um instrumento mantenedor da memória;

⁸ Para o Dicionário Michaelis, é a “figura que personifica o Carnaval e que é inspirada em momo”, personagem caricato de um espetáculo teatral que utiliza dos recursos de expressões corporal e fisionômica, que acaba por confundir e/ou surpreender outrem;

⁹ Empresa de Turismo de Pernambuco;

Nos dois anos sem a folia nas ruas, as dificuldades acometeram quem se aproveita do período para gerar renda própria e garantir uma parcela de estabilidade durante o ano. Os pequenos comerciantes que montam seus pontos de venda onde a farra passa são os que sentem mais, e isso se percebe no boca a boca, no cotidiano. A ausência do carnaval gera desemprego, a alegria deixa uma lacuna, o poder aquisitivo de muitos diminui e mazelas da sociedade aparecem. Fatores que escancaram desigualdades que afetam o país.¹⁰

Com as informações apresentadas nos parágrafos anteriores, podemos compreender a concepção popular de que “o ano só começa depois do carnaval”. É o momento de gerar renda, mas não menos importante: é momento de estar junto da família, dos amigos e de celebrar. Diante de como o pernambucano valoriza o carnaval e o sentimento apaixonado dos foliões, o fator histórico da festa torna-se interessante de examinar. Fazer com que essa história seja utilizada como parte do conteúdo programático nas instituições locais de ensino se apresenta não apenas como alternativa, mas um trunfo que visa o enriquecimento intelectual, da formação dos cidadãos e que agrega mais valor às nossas preciosidades culturais.

Nos anos 60, no Pátio do Terço, bairro de São José, surge uma movimentação singular dentro das festividades em Pernambuco. Esta, fortalecida pelo sociólogo e jornalista Paulo Viana: a Noite dos Tambores Silenciosos; inicialmente divulgada nos jornais como “homenagem aos negros que não brincaram carnaval”. As primeiras décadas do século XX não foram fáceis para os maracatus, protagonistas desse espetáculo, sabido que essas manifestações populares, assim como os entrudo¹¹, sofriam o preconceito advindo da elite e da imprensa, que os associavam aos alvoroços da cidade. E com a popularização dessa celebração podemos identificar uma mudança na percepção de como a cultura afro-brasileira era vista no Grande Recife.

Os participantes da Noite dos Tambores Silenciosos ampliaram a magnitude do espetáculo nas décadas subsequentes, resultando em um espaço maior para

¹⁰ Nessa argumentação de uma maior exposição das desigualdades, me baseio na leitura do artigo “Carnaval, uma festa democrática? Discussão sobre segregação social e o direito à cidade a partir do universo carnavalesco do Rio de Janeiro”, da antropóloga e doutoranda pela Universidade Laval, Thaís Cunegatto.

¹¹ De acordo com o dicionário Michaelis, o entrudo é um folguedo com raízes lusitanas onde consistiam brincadeiras de jogar água, ovos e farinha em quem estivesse transitando nas ruas em período de folia.

reivindicações socioculturais e políticas, além de reverberar a memória dos antepassados e cultivar a herança africana em território pernambucano. Exposto o caráter introdutório, este trabalho pretende explorar materiais que levantam informações sobre a história desse acontecimento anual e trazer maneiras em que exista a possibilidade de construir uma base para a disseminação dos conhecimentos no ambiente escolar, principalmente voltada ao público escolar de Pernambuco, tendo legalmente como base inicial a Lei de Diretrizes e Bases vigente, que afirma:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 2013).

No artigo supracitado, tem-se um aporte que assegura nosso compromisso com a educação voltada para a história regional, e mais, que reforça as particularidades culturais. Com essa premissa, deve existir empenho dos órgãos responsáveis pela educação e secretarias em exigir que esses parâmetros de ensino sejam cumpridos. Assim se inicia a fundamentação do uso do tema proposto dentro do ambiente escolar.

Para podermos discutir a implementação da Noite dos Tambores Silenciosos como um conteúdo abordado nas aulas de História, precisamos saber do que se trata e de pontos importantes que constroem diálogos com o referido anteriormente. Costumes, pessoas, locais e outros componentes que possam nos ajudar a perceber como o estudo dessa manifestação torna-se de interesse público.

É perceptível que ao falar da Noite dos Tambores Silenciosos, estamos abordando partes da História Local. Trazemos a lume um novo jeito de aprender sobre nossos entornos, sobre continuidades e mudanças¹². Assim, temos histórias que tornam cidadãos comuns (alunos e professores, neste caso) muito próximos daqueles que pretendemos conhecer e falar sobre. As perspectivas dessa abordagem destoam da anuência que foca nas elites detentoras de poder e são

¹² Para uma melhor compreensão do tema, acredito que Bittencourt seja bastante satisfatória na obra “Ensino de História: fundamentos e métodos”, de 2009.

fundamentais para a equidade social que buscamos atingir com respaldo das nossas leis.

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos espaciais e temporais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros lugares. (BITTENCOURT, 2008, p. 172)

Apresentados esses pontos, este trabalho procura se apoiar em leituras já produzidas sobre a Noite dos Tambores Silenciosos, reportagens extraídas de jornais locais e outras fontes históricas que nos contam a trajetória da cerimônia e do que faz ela acontecer — sejam figuras históricas, danças, música, costumes, entre outros — e explorar maneiras de como incorporar esses conhecimentos de uma forma rica e de fácil compreensão no ensino de História para o currículo municipal e/ou estadual.

Os fatores que possibilitaram a escolha dessa temática foram a proximidade cultural da cidade do Recife com os festejos de carnaval e toda a carga cultural que rodeia esse tempo de celebrações. Além disso, dentro do espaço acadêmico, tivemos a oportunidade de conhecer e discutir sobre as Leis de Diretrizes e Bases, a Base Nacional Comum Curricular e de outros aparatos jurídicos e curriculares que garantem aos estudantes o fornecimento de um conteúdo que pode ser direcionado ao ensino da História Local, cultural e patrimonial, fazendo com que percebamos a necessidade de fortalecer o ensino que contempla essas temáticas.

Com a presença destes respaldos, conseguimos abordar conteúdos que somam bastante ao que se oferta na educação básica e que está garantido pela BNCC¹³. Nas escolas, vemos muitas informações sobre os períodos colonial, imperial e das movimentações que surgiram no decorrer da História Nacional. Tudo isso nos incentiva a aprender sobre a Noite dos Tambores Silenciosos, pois veremos que essa manifestação cultural carrega partes da trajetória histórica de

¹³ (EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. (p. 411)

pernambucanos e suas origens africanas. Conhecer isso é essencial para a sociedade e previsto em lei. Uma história que molda quem fomos e somos.

De forma sistemática, este artigo tem como objetivo principal analisar as potencialidades de abordar a Noite dos Tambores Silenciosos como conteúdo do ensino de História em sala de aula. Sob essa perspectiva de observar a história da cerimônia, conseguimos observar a série de costumes, elementos e pessoas que foram importantes para o assunto que estamos prestes a conhecer. Não menos importante e, como já foi ressaltado em linhas anteriores, tal temática perpassa pelos âmbitos da história local e patrimonial, cujas vertentes se apresentam como novos jeitos de enxergar as movimentações experienciadas pela sociedade.

O Maracatu Nação: pesquisadores, conhecimentos e observações

Em sua monografia intitulada “Maracatus do Recife”, César Guerra-Peixe pesquisou, durante os anos de 1949 a 1952, diversos aspectos sobre os maracatus de baque virado da capital pernambucana, além de grupos de maracatus de orquestra e o pastoril do agreste. A obra foi publicada em 1955, uma década antes da primeira vez que a Noite dos Tambores Silenciosos figurou entre as festas carnavalescas de Recife.

Os conteúdos levantados por Guerra-Peixe estabelecem um legado por se comprometerem com a exatidão no quesito da teoria musical e com o respeito aos conhecimentos relatados por quem fazia os maracatus colorirem os ouvidos dos pernambucanos. O autor de *Maracatus do Recife* é considerado por estudiosos¹⁴ como uma das grandes referências da música nacional, assim como no campo da pesquisa e principalmente quando se trata de folclore.

Na obra de Peixe, menciona-se a relevância do estudo de campo, de observar de perto (*in situ*) os maracatus e as pessoas que o faziam para evitar afirmações equivocadas, opiniões que criassem desinformações e também a possibilidade de pensar novas hipóteses para averiguações posteriores, estas últimas que poderiam

¹⁴Guerra-Peixe: 100 anos / Flávio Barbeitas, Ana Cláudia Assis (organizadores). Belo Horizonte: Minas de Som, 2015, p. 202.

ser feitas pelas futuras gerações de pesquisadores do campo da música, cultura e outras humanidades, algo que naturalmente ocorreu, como veremos em breve.

O maracatu nação se configura nos moldes de um cortejo real que remete às celebrações da coroação de reis negros. Essa prática apresenta elementos teatrais, de dança e de música. A parte musical nasce das batidas ritmadas e geradas nos instrumentos de percussão como *alfaias*, *ganzás*, *gonguês*, *taróis* e *caixas*. Cada uma delas tem sonoridade, origem e processos de fabricação distintos.

E ao falarmos das partes vocalizadas temos as *toadas*, odes que procuram estabelecer um diálogo entre uma voz de liderança e um coro, que se referem ao aspecto da religiosidade Nagô. Clamores de proteção, orientação e permissão aos orixás. Nesse mesmo campo também existe a *loa*, que está ligada ao reforço dos ideais coletivos, práticas cotidianas, menções honrosas às pessoas que impactaram na história de cada grupo e que fortaleçam a memória dos grupos que as cantam. O ponto em comum entre a toada e a loa é presença do diálogo cantado e acompanhado pelas percussões.

Não é apenas a produção de Guerra-Peixe que deixou caminhos para serem seguidos quando se trata do conhecimento formal (na questão de livros e teses publicadas) sobre o maracatu nação. Estudiosos como Mário de Andrade¹⁵, Roger Bastide¹⁶, Câmara Cascudo¹⁷, Marcelo Mac Cord¹⁸ mais recentemente, entre outros, também se debruçaram e trouxeram contribuições sobre o assunto, inclusive pesquisas mais atuais conseguiram trazer leituras mais densas acerca de como podemos compreender as origens e trajetórias dessas movimentações culturais.

Quando estudamos os cortejos e coroações dos reis e rainhas, vamos ao encontro de informações sobre as relações sociais dos africanos e seus descendentes em território pernambucano. A organização podia consistir em irmandades que prezam pela coletividade, fortalecimento comunitário e identidades

¹⁵ O volume 2 de *Danças Dramáticas do Brasil* trata especificamente dos maracatus e congadas, abordando elementos culturais e religiosos dos africanos e descendentes em território brasileiro;

¹⁶ *Imagens do Nordeste Místico em branco e preto*, publicado em 1945;

¹⁷ *Dicionário do Folclore Brasileiro*, publicado em 1952;

¹⁸ *A problemática das "origens" do Maracatu Nação*, artigo de 2008.

semelhantes; um desses grupos é a *Irmandade do Rosário dos Pretos de Santo Antônio do Recife*, elegendo interna e hierarquicamente o Rei do Congo.¹⁹

Ainda de acordo com Mac Cord, esses grupos — de *nações*²⁰ (lugares diferentes de África) ou ocupações profissionais — tinham como seus representantes os Governadores de Pretos (cargos dados pelo governador da província). De forma separada, existia a eleição do Rei do Congo, que não necessariamente estava atrelada à nação Congo, e sua côrte.

É válido salientar que esse costume não era exclusivo de Recife ou de Pernambuco. Em diversas partes do Brasil existem confrarias e operações semelhantes. A coroação é interligada com o grupo católico por conta da conversão religiosa que ocorreu no século XV após a exploração lusitana no Reino do Congo. De acordo com SOUZA (2002), que aborda melhor esse tema em sua obra:

Com a coroação de rei congo e nas festas que celebravam tal ato, os negros estavam construindo uma identidade que sem dúvida era católica, mas remetia às origens africanas desse catolicismo, conforme foi introduzido e assimilado no reino do Congo, a partir do século XVI (SOUZA, 2002, p. 268).

Segundo o *Inventário Nacional de Referências Culturais* destinado ao maracatu nação, o conceito de “nação” que abordamos em linhas anteriores é utilizado em diversas configurações (GUILLEN, INRC, p. 14). Se colocarmos paralelamente Mac Cord e as informações do INRC, podemos imaginar que ocorre uma possível transformação nos jeitos de compreender a utilização desse termo.

Como visto neste tópico, ao falar de maracatu, interligamos o ritmo ao cotidiano de um povo e também às suas crenças. Tendo tais informações apresentadas, podemos observar outro aspecto: como as constituições pós-abolição abordaram as questões de liberdade religiosa e liberdade de crença. Na primeira constituição do período republicano, de 1891, temos a separação definitiva do

¹⁹ CORD, Marcelo Mac. Identidades Étnicas, Irmandade do Rosário e Rei do Congo: sociabilidades cotidianas recifenses século XIX. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 4, p. 51-66, dez. 2003. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1598>>. Acesso em: 06 jun. 2022;

²⁰ Outro autor que discute com mais profundidade o conceito de nações é MELO (2021) em sua dissertação que trabalha as experiências dos africanos em Pernambuco durante a segunda metade do século XVIII. Nela, podemos conferir as particularidades que envolvem tal denominação, por quais motivos ela era feita e por quem. Para mais informações, a dissertação se chama “Que negros somos nós?": Africanos no Recife, século XVIII.

Estado e da Igreja, estabelecendo-se um princípio de laicidade, o que garante respeito no âmbito das leis.

Art. 1º É proibido a autoridade federal, assim como a dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões filosóficas ou religiosas. (BRASIL, 1891)

Posteriormente, as constituições de 1934 e 1937 apresentam diversas mudanças que confrontam diretamente a primeira republicana, principalmente no que se refere à liberdade de culto. Em 34 temos, no 5º parágrafo do artigo 113 a garantia de liberdade de crença e cultos religiosos “desde que não contravenha à ordem pública e aos bons costumes” (BRASIL, 1934), sendo estes “bons costumes” um objeto de debate por pesquisadores do âmbito jurídico que discutem a abrangência das leis. Na constituição seguinte, temos a reafirmação desses parágrafos, que não sofreram nenhuma alteração.

Outra mudança nessas relações entre Estado e religião vem com a constituição do período ditatorial em 1967, que já inicia “invocando a proteção de Deus” diante de sua promulgação. Nela, permite-se que o governo crie laços de interação com cultos religiosos ou igrejas, desde que exista interesse público e que a cooperação seja focada nos setores educacional, assistencial e hospitalar.

Figuras femininas: Dona Santa e Badia

A realização da Noite dos Tambores Silenciosos e a ascensão do maracatu, assim como a história do bairro de São José, se conectam ao nome de duas mulheres que estão eternizadas na cultura pernambucana. São elas Badia e Dona Santa, ambas com importantes papéis no processo de transformação na visibilidade dos costumes afro-brasileiros, assim como na merecida aclamação do baque virado como parcela vital do carnaval de Pernambuco.

Por muito tempo o esforço exercido pelas lideranças e participantes das nações e terreiros foi muito maior do que o reconhecimento que tinham. Como podemos ver no recorte encontrado no jornal Diário de Pernambuco, na matéria com o título de “Maracatu pede para não morrer”²¹, temos as fortes declarações de Luiz

²¹ Diário de Pernambuco, Caderno Local. Recife, 27 de janeiro de 1980.

de França dos Santos, então presidente do Maracatu Leão Coroado, o mais antigo do estado, fundado em 1863.

Nasci no maracatu, mas acho que dentro de pouco tempo ele desaparecerá. Não temos uma sede para guardar nosso material. Já teve dia em que pensei botar gasolina em cima de tudinho e tocar fogo. [...] Ainda na época de Augusto Lucena²², eu levei um ofício para a Prefeitura, solicitando a doação de um terreno. Até hoje. Ele saiu, e outros passaram por lá. Mas, continuamos sem vez.

Se na década de 80 as nações passaram por dificuldades por ausência de incentivos, a situação vivida pelos praticantes de maracatu e adeptos de matrizes afro-brasileiras era de extremo perigo em períodos anteriores. Segundo o INRC, o Estado de Pernambuco sob a intervenção de Carlos de Lima Cavalcanti e depois Agamenon Magalhães perseguiu e prendeu pessoas que faziam parte desses grupos.

As práticas higienistas²³ que se pautavam na destruição dos mocambos, favelas e repressão a determinados grupos ocorreram durante os anos 30 até a metade da década de 1940. Entre os perseguidos e presos durante a gestão agamenista estava Maria Júlia do Nascimento, que mais tarde seria conhecida como Dona Santa. Observando tais perseguições, conseguimos traçar uma ligação direta entre esse fato e a breve análise das constituições pós-abolição trazidas no tópico anterior. Dessa forma, as práticas e costumes dos maracatuzeiros e religiosos podem ser interpretadas como transgressões ao sistema daquela época.

De pais e avós africanos, Dona Santa nasceu antes mesmo da abolição, em 1877. Além de ter sido rainha do Maracatu Elefante, ela também exerceu o mesmo posto no Leão Coroado (o qual abriu mão após se casar) e participou da fase embrionária do Maracatu Porto Rico do Oriente. Foi no Elefante que a soberana se destacou e teceu relações com os mais diversos setores da sociedade,

²² Advogado e político (1916-1995), foi prefeito do Recife em dois mandatos: 1964, após o Golpe Militar e por indicação do governador biônico Eraldo Gueiros Leite, de 1971 a 1975. Augusto é conhecido pelas grandes obras de urbanização durante seus mandatos.

²³ movimento que surgiu a partir da reflexão sobre os hábitos que influenciam a qualidade de vida e da saúde pública, em especial, no combate às epidemias e surtos de doenças. Entretanto, passou a ser utilizado por alguns como subterfúgio de suprimir, descartar o que não era de interesse das elites, englobando também um viés de preconceito com minorias e de teor eugenista.

principalmente com estudiosos do folclore e cultura, ao exemplo de Katarina Real, responsável por registrar fragmentos transcritos e fotografados²⁴ da ilustre Ialorixá²⁵.

Até 1962, ano da morte de Dona Santa, a cerimônia religiosa, que homenageia os eguns²⁶ acontecia na frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada no bairro de Santo Antônio. Quando Dona Santa morre, o Elefante encerra suas atividades e a chancela dessas celebrações passa pela liderança das Tias do Terço, onde, segundo Justino (2009), o evento vai deixando de ser reservado e começa a ganhar notoriedade com o trabalho conjunto dessas mulheres e, futuramente de figuras como Paulo Viana. Sobre a morte de uma figura tão importante como Dona Santa e o culto aos eguns, temos a fala de Cardoso Bandeira²⁷:

No Candomblé, a morte não significa a extinção total, ou aniquilamento. Morrer é uma mudança de estado, de plano de existência; fazendo parte do ciclo, ao mesmo tempo religioso e vital, que possui início, meio e fim. Sabendo-se que quando ocorre a perda do *emí*, os orixás se retiram e Ikú deverá devolver a Íyá-nlá, a terra, a porção [...] da matéria na qual cada indivíduo fora encarnado, em seu local de origem. Sendo que cada pessoa humana traz consigo seu *orí*, seu destino; é necessário assegurar que o eterno renascimento de um plano da existência ao outro, a imortalidade, se cumpra. Sem o ritual do axexê, isto ocorrerá, porém com maior lentidão e dificuldades para o Egum. (BANDEIRA, 2010, p. 7.)

O que costumava acontecer em frente à Igreja do Rosário dos Homens Pretos de Recife acabou se movendo para outro local de forte apelo sagrado e cultural: o Pátio do Terço, que estava muito perto de Badia e de sua casa²⁸. Maria de Lourdes da Silva, popularmente conhecida como Badia, foi uma das maiores articuladoras culturais e religiosas de Pernambuco. Foi instruída pelas Tias do Terço e tornou-se sucessora delas nas práticas do Xangô²⁹. No caráter carnavalesco,

²⁴ parte do acervo fotográfico da antropóloga estadunidense pode ser encontrado na internet, por meio da Fundação Joaquim Nabuco;

²⁵ mãe de santo;

²⁶ espíritos de pessoas falecidas, um termo que pode contemplar alguém que guia ou que precisa ser afastado;

²⁷ Doutor em História pela PUC-SP, com pesquisas na área de africanidade, oralidade e afrodescendência;

²⁸ A Casa das Tias do Terço é um local significativo para o Xangô pernambucano. Localizada no bairro de São José, bairro cuja história se cruza com a população afrodescendente, é um local estratégico que reunia pessoas ligadas não só à religião. Por muito tempo o lugar serviu como importante ponto de encontro das agremiações carnavalescas – onde se organizavam muitos pontos da folia.

²⁹ O termo pode indicar tanto o Orixá Xangô quanto o culto praticado em Pernambuco.

Badia foi uma exímia participante na organização das festas, ajudando na confecção de materiais e no diálogo com pessoas influentes que frequentavam sua casa, o que certamente garantiu maior visibilidade às suas ações dentro e fora dos festejos.

A mudança no local e a “passagem de bastão” da cerimônia para as Tias do Terço e conseqüentemente Badia (que foi contando com a ajuda de outras pessoas) fez com que a Noite dos Tambores Silenciosos sofresse uma ressignificação em tamanho, gênero e grau. Essas transformações são estudadas com mais detalhes nos campos da religião e da cultura. Segundo leituras já referenciadas, Badia continuou exercendo até sua morte, em 1991, um papel essencial em mover o bairro de São José a favor da manutenção das homenagens aos eguns e fazer com que a memória dos antepassados fosse celebrada à altura.

Ela, assim como as nações de maracatu, nos dão a entender que se compreendia a sacralidade do local. Dentro da proposta de trazer a Noite como um conteúdo para as salas de aula, falar de Badia é falar da história do bairro de São José. Quem a ensinou viveu no bairro, seus antepassados transitavam por lá e as homenagens à memória dos eguns são realizadas também neste local. Diferentemente de citar personagens que tiveram suas vidas transformadas em biografias, falar de pessoas como Dona Santa e Badia é contar com a forte tradição da oralidade e de como essas histórias vão se adaptando ao serem passadas e recontadas por outras gerações.

De Viana em diante

Paulo Viana, jornalista e um dos organizadores do carnaval em Recife, era frequentador da Casa das Tias. De acordo com depoimentos encontrados, rapidamente Viana foi assumindo um lugar de destaque³⁰ na exposição e notoriedade das celebrações realizadas pelas nações de maracatu. É atribuída a ele a introdução da teatralização à cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos, na metade da década de 60.

Além da atuação promovida por Paulo, a declamação de um poema autoral chamado “Lamento Negro” fazia parte da programação. No poema, temas como o

³⁰ De acordo com depoimentos encontrados na tese de dissertação de Justino, nota-se como Viana se articulou a ponto de engrandecer a Noite dos Tambores Silenciosos e a fazê-la se configurar nos moldes mais atuais.

transporte nos navios negreiros, a travessia do oceano e os sentimentos que envolviam a saudade da terra natal, a tristeza por ser transformado em propriedade e sofrer os castigos da escravidão estavam presentes. Por fim, a simbologia da abolição com a referência de que a senzala havia acabado, entretanto, o lamento jamais passaria.

Tais versos e temas são objetos de interesse para estes estudos, pois demonstram a percepção de uma pessoa-chave na Noite dos Tambores Silenciosos acerca da história do povo negro no Brasil e como podemos analisar a sua contribuição num rito que não começou com ele, mas que sem sua presença poderia ter outro desfecho que não fosse um destaque entre os movimentos culturais e sociais, além da já destacada importância para o carnaval. Sobre a contribuição de Viana, podemos citar Hall:

[...] a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o “compartilhamento de significados” – entre os membros de um grupo ou sociedade. Afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro. Assim, a cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e “deem sentido” às coisas de forma semelhante. [...] em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados [...] se relaciona a sentimentos, a emoções, a um senso de pertencimento. (HALL, 2016, p. 20).

A grandeza da Noite dos Tambores Silenciosos era noticiada nos periódicos da capital. Podemos conferir nesse trecho retirado do Diário da Manhã, em 1967:

Como é do conhecimento geral o ‘Carnaval do *Pátio do Têrço*’ é a maior promoção carnavalesca de todo o Norte, depois da ‘Pracinha’. E onde se realiza uma cerimônia *folklórica* de repercussão internacional, que tem por título ‘A Noite dos Tambores Silenciosos’. No último carnaval, dito ritual que é vivido por todos os maracatus de ‘baque virado’ da cidade, contou com a cobertura de cinegrafistas da Argentina, Polônia e Itália.

Entre as décadas de 70 e 80, os maracatus passam por um período de dificuldades, como visto no depoimento de Luiz de França dos Santos, filho do fundador do Leão Coroado, Laureano Manoel dos Santos, estivador e ex-escravo, o que nos remonta ao quesito das tradições passadas geração após geração. No mesmo ano em que vemos nos jornais o relato de Luiz, o Elefante de Olinda, que havia sido fundado em 1953 por alguns jovens, comemorava seus 27 anos na Noite

dos Estandartes, que foi realizada no Clube Português – com direito a festival de chope e eventos para a imprensa³¹.

Sobre a tradição passada de Laureano para Luiz, assim como foi passada recentemente de Mestre Afonso, falecido em 2018 para sua filha Karina, atual dirigente, Paul Claval fala:

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. (CLAVAL, 2001, p. 63).

As lutas e reivindicações de Dona Santa, Badia, Viana, Luiz de França e outros organizadores são sempre presentes, convertidas nas atuações do Movimento Negro Unificado e nas bandeiras reivindicativas que são hasteadas com o passar dos anos. A alta popularidade do movimento manguêbeat, mundialmente reconhecido através do olindense Chico Science na década de 90 e mais recentemente a implementação do carnaval multicultural no início do século XXI, que permitiu uma maior divulgação de todos os pólos e vertentes dos festejos em Pernambuco.

O bairro vivo de São José, palco da Noite

Antes de falarmos do Pátio do Terço, é interessante explorar o bairro onde ele se encontra: São José. Localizado no centro de Recife, o bairro tem suas origens ligadas ao mar, já que parte dele está na foz do Rio Tejipió. Em registros do século XVII, nota-se que serviu de moradia para pescadores que viveram onde anos depois se construiria o atual Forte das Cinco Pontas, em meados de 1630. Cronologicamente é um dos bairros mais antigos do município e são diversos os fatos históricos que lá ocorreram.³²

Um dos personagens mais emblemáticos da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador em 1824, o Frei Caneca, foi executado no

³¹ Diário de Pernambuco, 27 de janeiro de 1980.

³² Para conferir mapas da cidade, uma dica interessante é realizar uma visita ao Museu da Cidade do Recife, localizado no Forte das Cinco Pontas. Nele há um acervo cartográfico com mais de mil mapas, projetos urbanísticos e arquitetônicos diversos. Para mais informações, acessar o site: <https://museudacidadedorecife.org/acervo/cartografia/>

então Forte de São Tiago. Momentos antes de sua morte, em 1825, foi destituído de suas vestes sacerdotais na Igreja do Terço e caminhou os 350 metros que separam o templo do local onde morreu. Coincidentemente, no mesmo ano surgia também em São José o Diário de Pernambuco, fundado por Antonio José de Miranda Falcão. No século seguinte, o bairro passou por transições. Antes, de predominância residencial, esse distrito passou a abrigar muitos comércios que o tornaram muito mais movimentado.

Carvalho (2010, p. 49) afirma que na metade do século XIX, o bairro de São José ainda não existia, com seu território atual pertencendo ao vizinho Santo Antônio, além de ser considerada uma parte mais pobre antes e depois do desmembramento.

Os pobres ficaram longe dos símbolos de progresso da cidade, e perto do porto, onde havia muito trabalho braçal para se fazer. Mas o maior sintoma dessa redistribuição espacial foi o surgimento na margem do rio, perto do coração de São José, do maior prédio público da província: a casa de detenção. (CARVALHO, 2010, p. 92)

A Casa de Detenção foi concluída em 1867, dezessete anos após o início de sua construção. Recife gozava de três fatores que contribuíram para esse acontecimento: os históricos recentes de revoltas num curto espaço de tempo, um aumento populacional e as modernizações nos setores de urbanização, com a construção de pontes e prédios como o Teatro de Santa Isabel, educação – as atividades na Faculdade de Direito do Recife e os transportes à vapor, popularmente conhecidas como “maxambombas”³³.

Mesmo com todo esse desenvolvimento urbanístico e social, a pobreza e a criminalidade não deixaram de existir, fazendo com que alguns lugares continuassem a destoar das transformações neoclássicas que a cidade estava passando. Foi nesse contexto em que surgiu a prisão panóptica do Recife, transformada em Casa da Cultura, em 1976.

Não muito distante da antiga Casa de Detenção do Recife, podemos caminhar até a Rua Vidal de Negreiros³⁴, logradouro do Pátio do Terço. Se em São José

³³ Uma corruptela da expressão “machine pump”.

³⁴ Paraibano nascido no século XVII, ocupou cargos militares, governamentais e é considerado herói nacional por sua atuação nos conflitos contra os neerlandeses. Está enterrado no Santuário de Nossa Senhora dos Prazeres, localizado no município de Jaboatão dos Guararapes.

vemos a forte presença de trabalhadores braçais, manufactureiros e gente humilde, é no Pátio que encontraremos mais um núcleo da história afrodescendente em Pernambuco. O lugar da Noite dos Tambores Silenciosos é o mesmo da singela Igreja do Terço e da Casa de Badia, que continuou o legado das Tias do Terço, Sinhá e Yayá. Como vimos em tópicos anteriores, Badia exerceu atividades distintas, construindo relações que alavancaram o patamar do bairro, chegando a ser homenageada no carnaval de 1985.

Por meio de um decreto municipal durante o centenário da abolição, em 1988, o então prefeito Jarbas Vasconcelos condecorou³⁵ pessoas e instituições que contribuíram para o resgate da história das populações negras e lutaram pelo estabelecimento da cidadania do negro no Brasil. Segundo o Professor Severino Vicente³⁶, que na época fazia parte da comissão organizadora, Badia foi uma das receptoras dessa honraria.

Em sala de aula

As celebrações carnavalescas em Recife têm nas segundas-feiras o evento singular da Noite dos Tambores Silenciosos. Segunda é dia de Exu, o orixá mensageiro e nada se faz sem a permissão deste, de acordo com os que nele creem. A Noite pode ser estudada antes mesmo de sua estreia nas ruas, justamente por sua feitura ter um legado que é significativo para a cerimônia e não menos importante, para as pessoas que a realizam. As agremiações, o Maracatu Nação, os movimentos sociais que seguem fazendo parte dessa história ano após ano são alguns “capítulos” dessa grande obra.

Vimos aqui que o lugar onde ocorre a Noite é o mesmo de vários acontecimentos, de crenças distintas (que às vezes se amalgamam) e de qualidade ímpar para termos dimensão do que Pernambuco é em sua essência. É a partir do traçado feito por uma manifestação cultural que conseguimos visualizar a história do cotidiano de pessoas comuns, de ideais coletivos e de movimentos sociais que por muito tempo foram colocadas numa posição antagônica. Felizmente, o campo de estudos da história local vem sendo explorado com maior frequência e as pesquisas

³⁵ Para conferir a digitalização do decreto, acesse: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br/decreto/14237/>

³⁶ Informação obtida em conversa com o próprio Severino Vicente.

se complementam com o intuito de trazer uma visão equitativa e mais completa do caminho percorrido por determinados grupos.

Para Bittencourt (2009, p. 101) o currículo escolar é um produto que resulta da nossa percepção da sociedade, dando a ele um significado diferente nos aspectos políticos e sociais. E cada disciplina desenvolve um papel único no desenvolvimento das pessoas. Portanto, implementar esses conhecimentos de história local de forma que as discussões sobre relações étnico-raciais, multiculturalidades, conscientização e da aproximação dos objetos históricos com o estudante são indispensáveis.

Outro lado positivo de trazer esse conteúdo de história local para o ambiente da sala de aula é a aproximação temporal. Fazer com que o estudante não se sinta afastado cronologicamente, traçando com ele a ideia de que uma manifestação cultural que acontece no carnaval de sua cidade e que essa possui uma tradição que remonta a outros tempos e outras pessoas que estiveram ali pode ser um atrativo de forte potencial. Bem como trazer o conteúdo até o estudante, como aqui foi feito um panorama do bairro em que a Noite dos Tambores Silenciosos ocorre, existe a alternativa de ensinar a história ao ar livre.

Levar turmas ao Pátio do Terço, caminhar por ele e mostrar a Igreja do Terço, a Casa de Badia e falar sobre as origens do local, a história de africanos e seus descendentes brasileiros que caminharam e caminham hoje nos mesmo locais torna-se um exercício de aproximação e reflexão acerca de assuntos que estão eternizados na História de Pernambuco e do Brasil. Se trouxermos esse conteúdo especificamente para as instituições de ensino da cidade do Recife, temos o Art. 138 da Lei Orgânica municipal, que afirma o compromisso da capital com a promoção de pesquisa, difusão e ensino de disciplinas relativas à cultura afro-brasileira nas escolas públicas e municipais.

Trabalhar a perspectiva do nascimento da Noite dos Tambores Silenciosos no bairro de São José, a presença das figuras femininas na liderança das cerimônias, a religiosidade e o caráter sagrado na festa, a popularização dos maracatus e o reconhecimento da Noite como indispensável para o carnaval e a cultura pernambucana são caminhos que podem ser percorridos pelo docente, mediante organização de um eixo temático.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: traçando um diálogo com o tema proposto

No ano de 2003, o Governo Federal assumiu o “compromisso histórico de romper com os entraves que impedem o desenvolvimento pleno da população negra brasileira”, tendo as DCN³⁷ como norte de implementação das ações que buscam cumprir esse objetivo almejado no âmbito nacional. No documento, fica claro que as articulações necessárias para alcançar o desenvolvimento pleno precisa ter a participação de diversos setores da sociedade. Estados, municípios, ONGs e o meio privado devem dialogar sinergicamente com os órgãos federais e construir caminhos que tenham a finalidade de cumprir o que foi citado no início do tópico.

As Diretrizes abraçam todo o progresso jurídico realizado no meio educacional, inclusive trazendo a supracitada Lei Orgânica de Recife (Art. 138), mencionando também o Estatuto da Criança e do Adolescente, além das reivindicações do Movimento Negro durante o século passado, cuja luta pede o comprometimento do Estado brasileiro em se comprometer com o fornecimento de projetos que valorizam a disseminação da história e cultura afro-brasileira e o estímulo das relações étnico-raciais positivas.

Faz-se necessária a menção de outros detalhes abordados ao longo das DCN, entre eles: ter como meta o direito da população negra se reconhecer como parte da cultura nacional, a reafirmação de que o Estado deve promover políticas de reparação conforme previsto na CF³⁸, Art. 205³⁹ e a necessidade de mudança em “discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas [...] que se conheça a sua história e cultura”.

O teor das Diretrizes Curriculares apresenta dados de extrema importância e comprova que existe um gigante trabalho a ser realizado para que possamos ter uma sociedade justa e plena. Apresentados alguns pontos breves neste tópico, encontramos aporte para traçar os diálogos com a utilização dos elementos contidos

³⁷ Diretrizes Curriculares Nacionais;

³⁸ Constituição Federal

³⁹ A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>

na Noite dos Tambores Silenciosos e sua história como um conteúdo a ser conhecido pelos estudantes. Já que esta faz parte da cultura e das tradições afro-brasileiras, do fortalecimento das identidades, além da participação do Movimento Negro e das reivindicações feitas pelo povo ano após ano nas segundas-feiras de Carnaval da capital pernambucana.

Não menos importante, podemos observar a seguir dois trechos das diretrizes que mais se aproxima da abordagem de uma História Local e do reconhecimento de figuras afro-brasileiras na construção da história nacional, que no caso, este último coincide com o recorte feito no presente trabalho para contemplar pessoas como Dona Santa e Badia:

O ensino de História Afro-Brasileira abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (exemplos: **associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro**). **Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprias de cada região e localidade.** (BRASIL, 2004, p. 22)

O ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira, se fará por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à **divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil**, na construção econômica, social e cultural da nação, **destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas** do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (tais como: Zumbi, Luiza Nahim, Aleijadinho, Padre Maurício, Luiz Gama, Cruz e Souza, João Cândido, André Rebouças, Teodoro Sampaio, José Correia Leite, Solano Trindade, Antonieta de Barros, Edison Carneiro, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Milton Santos, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Henrique Antunes Cunha, Tereza Santos, Emmanuel Araújo, Cuti, Alzira Rufino, Inacyra Falcão dos Santos, entre outros). (BRASIL, 2004, p. 22)

Proposta de aula-oficina

Nível: Ensino Médio (2^{os} e 3^{os} anos)

Horas-aula: 6h (um dia letivo para a visita dos alunos ao Bairro de São José e uma aula para a avaliação)

Apresentação: a dinâmica desse evento pretende mostrar aos estudantes um ponto de interligação entre as histórias de Pernambuco, dos povos africanos e de seus descendentes. Seguindo pela linha de raciocínio em que temos a cidade do Recife e alguns de seus pontos como um museu à céu aberto, o ponto de partida dessa jornada é o bairro de São José.

Mais especificamente, podemos partir da praça que fica entre a antiga entrada da Estação Central do Recife e a Casa da Cultura, ambas detêm o status de patrimônios históricos da capital. Atravessando as características ruas seculares e estreitas do bairro para cruzarmos vias como a Rua da Concórdia e a Avenida Dantas Barreto e chegarmos na Rua Vidal de Negreiros.

Ao chegarmos no ponto da Vidal de Negreiros que fica de frente ao Forte das Cinco Pontas, podemos contextualizar o histórico revolucionário da construção colonial, que serviu de prisão para os conspiradores da Revolução Pernambucana de 1817. Ainda no forte e falando da Revolução, é possível debatermos sobre abolição no século XIX e como a sociedade pernambucana lidava com essa temática. Para esse rumo, temos as pesquisas e entrevistas do Prof. Dr. Marcus Carvalho - que analisam com muito detalhe e cautela as mazelas do escravismo no país.

Caminhando no sentido Norte da Vidal de Negreiros, iremos em direção ao Pátio e à Igreja do Terço, pontos vitais da nossa andança em São José. Nessa altura do pátio, estaremos num *hotspot*⁴⁰ da cultura afro-brasileira em Pernambuco. Antes de chegar na Igreja, passa-se pela frente da Casa de Badia. Entre a Casa das Tias e a Igreja do Terço é o lugar ideal para abordar a participação dessas mulheres na história e sociedade pernambucana. A idealização perfeita dessa aula-oficina conta com a presença de uma Nação de Maracatu que seria convidada para entoar cânticos e mostrar o encontro da história com a música, apresentando também os instrumentos e elementos visuais.

⁴⁰ Por que *hotspot*? Ao usar essa palavra, toma-se de empréstimo o seu emprego no ramo da biologia. O termo utilizado pela primeira vez no fim da década de 80 pelo autor Norman Myers denominou pontos de endemismo e destruição. O Pátio do Terço, por tamanha importância e significado para a história pernambucana merecia uma atenção muito maior por parte do poder público. Faz-se necessária a destinação pesquisas, investimentos e que visam a conservação e manutenção um lugar tão emblemático, já que neste trabalho analisamos documentos e leis que trazem respaldo a essa nota.

Outro fator que enriqueceria bastante, além de contar com a presença de uma nação, seria de alguém que pudesse compartilhar as experiências de compor um grupo musical ou que tivesse conhecido Dona Santa, uma figura que tem reconhecimento unânime entre as diversas informações que foram reunidas aqui, onde foram analisados depoimentos, reportagens e produções acadêmicas.

Objetivos:

- Utilizar uma porção do Bairro de São José como museu à céu aberto e trabalhar de forma que os conhecimentos adquiridos durante a aula-oficina sirvam para reconstituir essa parte da história local, tendo os elementos físicos e musicais como auxílio;
- Proporcionar aos alunos a oportunidade de interpretar os locais onde eles estão de uma forma mais crítica, fazendo com que eles se aproximem de uma história viva e presente, a qual eles fazem parte;
- Explorar os caminhos percorridos pela população africana e de seus descendentes por meio da musicalidade e da tradição dos maracatus de baque virado a partir da Noite dos Tambores Silenciosos e de seus elementos.

Avaliação: Em sala de aula, num segundo momento, serão reproduzidas algumas faixas gravadas pelo Maracatu Nação Estrela Brilhante, disponíveis na plataforma do YouTube⁴¹. Nessas faixas, serão encontrados elementos que foram abordados ao longo deste trabalho e podem fazer parte da aula-oficina, por exemplo: a representação da corte real no maracatu, os tambores e as calungas, as origens dos africanos que foram trazidos ao Brasil e as figuras que protagonizaram os movimentos culturais e históricos.

Ao ouvirem as toadas, será pedido aos alunos que elaborem um texto que consiga correlacionar os elementos identificados nas canções e o que foi vivenciado estando fora do ambiente escolar. Nota-se que essa jornada irá se pautar pelos elementos físicos, a partir da exploração do bairro de São José. Durante nossa caminhada, aprenderemos sobre a história do bairro e como a Noite dos Tambores Silenciosos chega até ali, reconstituindo a história de Recife e enxergando como ela

⁴¹ Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife, disco de 2002, disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=tRsb4YDShJY>>

é altamente ligada à trajetória afro-brasileira. Com a performance maracatuzeira, teremos uma pequena noção de como essa ligação é feita e o quanto ela é forte. São diversos pontos a serem percebidos durante essa aula-oficina e são diversas as maneiras de retratá-los numa produção textual.

Considerações finais

As feridas deixadas pelos processos de escravização e de uma abolição que foi pensada mais na manutenção das elites do que na equidade entre os povos estão longe de serem curadas. No que se refere à implementação de leis e práticas que visam democratizar de fato os espaços, nosso país encontra-se ainda no início de uma árdua caminhada, que podemos até chamar de batalha diante dos últimos capítulos da nossa história política.

Durante a construção e consolidação desse trabalho acadêmico, o país passou por um dos mais retrógrados governos da república em questões de igualdade social. Além da pandemia que foi abordada na introdução, as escolhas de gestão em órgãos federais como a Fundação Palmares, que tem como função a “promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira”⁴², representaram uma verdadeira ameaça diante da difícil missão que é fazer com que o Brasil seja de fato um **país de todos**.

É mais do que necessário que a comunidade acadêmica e os profissionais da educação estejam munidos de conhecimentos e estratégias que visam amplificar o caráter de urgência dos debates que contemplem a equidade social e, especificamente aos profissionais de História, a aproximação das pessoas com a riqueza da história local com o objetivo de integralização popular.

De acordo com as nossas diretrizes para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, cabe ao Estado promover políticas de reparação, caracterizando-o como provedor dessa educação que tem como meta o pleno desenvolvimento da cidadania de todos os brasileiros e brasileiras e que visa

⁴² Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=95

reverter as desigualdades e iniciar um processo de ruptura dos privilégios aos que o adquiriram através de exclusões e preconceitos.

Atualmente, temos um campo promissor de pesquisas sobre as temáticas que estão ao redor da Noite dos Tambores Silenciosos. É significativo fazer com que a cerimônia esteja dentro dos objetos a serem investigados com o propósito de obter mais informações acerca e que esse conhecimento seja disponibilizado de diferentes formas.

O intuito desse artigo é ressaltar as potencialidades da abordagem desse conteúdo em sala, mas não anula a importância de fazer com que o poder público encontre maneiras de disseminar essa e outras partes da História Local para a população. Por fim, o esforço realizado pelo Estado e pelas pessoas deve ser mútuo e diário, sendo estruturado para que possamos respirar ares de uma sociedade mais justa e reconhedora das suas forças originárias.

REFERÊNCIAS:

A “Noite Dos Tambores Silenciosos”: Espetáculo À Parte Do 2º Dia Gordo. Diário de Pernambuco, Recife, 24 de janeiro de 1967. Acesso em 30/04/2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&Pesq=%22Noite%20dos%20Tambores%20Silenciosos%22&pagfis=47945>;

“As bandeiras de 1817 permanecem atuais”, Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. 03 de março de 2017. Acesso em 18/01/2023. Disponível em: <<https://www.alepe.pe.gov.br/2017/03/03/as-bandeiras-de-1817-permanecem-atuais/>>;

BANDEIRA, L.C.C. **A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010;

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008;

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004. Disponível em: <<https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/diretrizes.pdf>>

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 2013;

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Acesso em 04/04/2022. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>;

CARDOSO BANDEIRA, L. C. (2013). **A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Último Andar, (19), 33–39;

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850** / Marcus J. M. de Carvalho. – 2.^a ed. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010;

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2^a ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001;

CORD, Marcelo Mac. **Identidades Étnicas, Irmandade do Rosário e Rei do Congo: sociabilidades cotidianas recifenses século XIX**. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 4, p. 51-66, dez. 2003. ISSN 2317-6830. Acesso em: 06/06. 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1598>>;

Cunegatto, T. (2016). **Carnaval, uma festa democrática? Discussão sobre segregação social e o direito à cidade a partir do universo carnavalesco do Rio de Janeiro**. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura*, (11), 122-137. Acesso em 03/03/2023. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10437/7278>>

Diário da Manhã, Caderno Sociedade. Recife, 4 de fevereiro de 1984;

Diário da Manhã. Recife, 12 de fevereiro de 1983;

Diário da Manhã. Recife, 25 de dezembro de 1967;

Diário da Manhã. Recife, 5 de fevereiro de 1968;

DOSSIÊ “**INRC DO MARACATU NAÇÃO - Inventário Nacional de Referências Culturais**”, Iphan, 2013. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf>;

GUERRA PEIXE, Cezar. **Maracatus do Recife**. Rio de Janeiro, Irmãos Vitale Editora, 1980;

Guerra-Peixe: 100 anos / Flávio Barbeitas, Ana Cláudia Assis (organizadores). Belo Horizonte: Minas de Som, 2015, p. 202;

GUILLEN, Isabel C.M. **Lugares de memória da cultura negra no Recife. Inscrever a memória na cidade**, 2018. Acesso em 13/06/2022. Disponível em: <http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524268689_ARQUIVO_Lugaresdememoriadaculturanegraguillen.pdf>;

Guillen, Isabel Cristina Martins; Silva, Augusto Neves da (Org.) **Tempos de folia: estudos sobre o carnaval no Recife** / Isabel Cristina Martins Guillen e Augusto Neves da Silva – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018;

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda; Tradução: William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016;

Lei Orgânica de Recife - PE, disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/lei-organica-recife-pe>>. Acessado em: 07/01/2023;

“Maracatu Nação”, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/504/>>. Acesso em 04/03/2023.

MELO, Filipe Matheus Marinho de. **"Que negros somos nós?": Africanos no Recife, século XVIII** / Filipe Matheus Marinho de Melo, 2021.

“Pernambuco: turismo movimentou R\$ 2,78 bilhões durante o carnaval”, Empresa de Turismo de Pernambuco, 02 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.empetur.pe.gov.br/blog/1394-pernambuco-turismo-movimentou-r-2-78-bilhoes-durante-o-carnaval>>. Acessado em 04/03/2023.

Saberes históricos, patrimônio e espaços de memória [recurso eletrônico] / Organização: Paulo Souto Maior, Ângelo Emílio da Silva Pessoa, André Mendes Salles. João Pessoa: Editora do CCTA, p. 17-39, 2022. (Coleção Experimentos e reflexões sobre práticas no ensino de História, v.2).

SILVA JUNIOR, Luiz Justino da. **A manifestação do sagrado na Noite dos Tambores Silenciosos**, 2009. Acesso em 30/11/2022. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/284/1/dissertacao_luiz_justino.pdf>;

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002;

WOOD, Marcus. **Slavery and Syncretic Performance in the Noite do Tambores Silenciosos: Or How Batuque and the Calunga Dance around with the Memory of Slavery**. Journal of American Studies, v. 49, n. 2, p. 383–403, maio 2015.